

# Ricupero critica a exigência de superávits fiscais

*Para o secretário-geral da Unctad, o País é frágil demais para apertos consecutivos*

JACQUELINE FARID

**R**IO — A necessidade de registros de superávits fiscais consecutivos no País, como determinado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e defendida ontem pelo economista americano Albert Fishlow, foi duramente criticada pelo secretário-geral da Unctad e ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero. Segundo ele, o compromisso com os superávits primários poderá eliminar a capacidade do Estado para investir em segurança ou desenvolver a competitividade produtiva. “É possível um País como o nosso, com a fragilidade que temos, produzir saldos primários elevados por três ou quatro anos?”, questionou. Ele fez a colocação ao comentar a palestra de Fishlow no seminário Novos Rumos do Desenvolvimento, no BNDES.

Fishlow alertou sobre a necessidade de aumento da poupança interna com crescimento dos superávits fiscais no País. “Tenho dúvida que isso seja possível, até porque essas discussões em abstrato levam a generalizações perigosas”, afirmou Ricupero. Ele disse acreditar que superávits consecutivos seriam possíveis com elevadas taxas de crescimento das exportações, o que considera improvável diante da atual retração da economia mundial.

Ricupero concordou com Fishlow na necessidade do aumento das vendas externas do Brasil. Mas nesse caso também alertou que hoje a política de comércio exterior do País está se preocupando excessivamente com as negociações comerciais e dando menor atenção à necessidade de uma oferta competitiva de produtos para oferecer ao mercado internacional.

Para ele, o Brasil tem problemas sérios de acesso a mercados, que se complicam ainda mais porque o País é competitivo exatamente em segmentos que sofrem fortes barreiras protecionistas, como suco de laranja, aço e açúcar. “Nós sabemos que nossa competitividade, tirando um grupo de produtos, é discutível”, disse. Ricupero admitiu que a busca da qualidade das exportações é um projeto de longo prazo, mas afirmou que “seria interessante que o BNDES tivesse essa visão da superação desse problema de oferta”.

Ricupero disse também que a questão do Brasil no comércio exterior, hoje, não é apenas exportar produtos de alta tecnologia, mas também cuidar da diversificação da oferta e aproveitar as oportunidades dos recursos naturais. Ele exemplificou que 60% das exportações australianas são commodities e, enquanto a Austrália exporta 70% da carne que produz, o Brasil envia apenas 5% para o mercado externo.